

Ponderações sobre (des)segregação na educação

Sueid Fauze Moreira¹ 

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Brasil.

*Autor de correspondência: sfauaze@uesb.edu.br

RESUMO

Pesquisando sobre a história da dessegregação no ensino superior nos Estados Unidos, confrontei-me com a luta de um afro-americano, James Howard Meredith, para ser admitido como aluno da Universidade do Mississippi - EUA em 1962. Esse fato desencadeou a curiosidade sobre como questões relacionadas à segregação no campo da educação, mas não apenas conteúdos raciais, estão sendo tratadas na atualidade. Para tanto, alguns estudos foram observados buscando evidências a respeito de fatos atuais (ou não tão atuais) e sobre os rumos que a educação contemporânea vem seguindo. É, de certa forma, no mínimo, surpreendente descobrir que uma espécie de *apartheid* está crescendo em nome do desempenho acadêmico.

ABSTRACT

Researching about the history of the desegregation in higher education in the United States, I came across the struggling of an African American, James Howard Meredith, for admission as a student at the University of Mississippi - USA in 1962. This fact triggered the inquisitiveness on how topics related to segregation in the field of education, but not just racial related issues, are being addressed nowadays. Therefore, information found in published studies were observed looking for evidence of current (or not so current) facts, and the direction that contemporary education has been taking. It is somewhat, at least, surprising to observe that a kind of *apartheid* is growing in the name of academic performance.

RESUMEN

Investigando sobre la historia de la desagregación en la educación superior en los Estados Unidos, me deparé con la lucha de un afroamericano, James Howard Meredith, admitido como estudiante en la Universidad do Mississippi – (EE.UU.) 1962. Este hecho despertó mi curiosidad sobre cómo se están abordando temas relacionados con la segregación en el campo de la educación hoy, no solo sobre contenido racial. Así que, se observaron algunos estudios buscando evidencia de hechos actuales (o no tan actuales) y los rumbos que ha tomado la educación contemporánea en estas áreas. Es, en cierto modo, sorprendente descubrir que se está gestando una especie de *apartheid* en nombre del rendimiento académico.

PALAVRAS-CHAVE:

Ações afirmativas
Educação
Segregação

KEYWORDS:

Affirmative actions
Education
Segregation

PALABRAS-CLAVE:

Acciones afirmativas
Educación
Segregación

SUBMETIDO: 23 de março de 2023 | **ACEITO:** 26 de abril de 2023 | **PUBLICADO:** 30 de abril de 2023

© ODEERE 2022. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

Pesquisando sobre a história da dessegregação no ensino superior nos Estados Unidos e as Historic Black Colleges and Universities – HBCUs (Universidades e Faculdades Historicamente para Negros), instituições essas que foram criadas para proporcionar aos afrodescendentes educação de ensino terciário, sendo que a primeira instituição foi criada em 1837 na Pensilvânia, nos Estados Unidos (RUDOLPH, 1962), constatei que esses estabelecimentos de ensino ainda estão em pleno funcionamento e aumentando o número de alunos negros matriculados a cada ano (HARPER, 2019). Investigando um pouco mais, deparei-me com a inesperada conscientização da luta de um afro-americano, James Howard Meredith, para ser admitido como aluno da Universidade do Mississippi - EUA em 1962. Esses fatos desencadearam a minha curiosidade sobre como algumas questões relacionadas à segregação no campo da educação, mas não apenas conteúdos raciais, estão sendo tratadas hoje. Para tanto, alguns estudos foram observados buscando evidências a respeito de fatos atuais (ou não tão atuais) e sobre os rumos que a educação contemporânea vem seguindo, nas escolas e nas universidades americanas.

Destarte, apresento este breve panorama sobre um conteúdo muito vasto e de extrema complexidade, o que demanda posterior desmembramento em diferentes eixos para que sejam explorados de maneira mais substancial. Como países em desenvolvimento tendem a reproduzir iniciativas e movimentos políticos, culturais, educacionais, entre outros, apresentados por países desenvolvidos, pesquisas sobre esses temas proverão um lastro antecipado de precaução para futuros planejamentos e implementações educacionais. Assim, o estudo teve como objetivo instigar pesquisadores a escrutinar esse conteúdo delicado e abrangente, pois será, apenas, panoramicamente aqui apresentado.

Metodologia

Para fomentar o desenvolvimento do trabalho, a leitura de alguns textos publicados por meio de artigos, livros, sites e páginas de órgãos governamentais foram utilizados como fundamentos bibliográficos para a extração das

informações pertinentes sobre os assuntos. Um dos pressupostos da pesquisa bibliográfica pode ser o de resumir fatores referentes a um determinado tópico, não tendo a intenção de provar uma tese, mas expor e/ou publicizar assuntos relevantes (GIL, 1999; FONSECA, 2002; CRESWELL, 2003).

James Howard Meredith

O conciso relato sobre o que transcorreu com James Howard Meredith (negro, americano, veterano da Força Aérea, ativista dos direitos civis, político, conselheiro político e formado em Direito) será apresentado a seguir como ilustração de fatos que ocorreram, mesmo depois que a segregação no ensino superior nos Estados Unidos se tornara ilegal por força da lei.

Ainda na década de 1960, o sentimento de supremacia racial irracional de muitos americanos brancos continuava forte e evidente. A herança de inferioridade causada pela escravidão persistia efetiva e afetiva interferindo negativamente em várias áreas da vida dos afro-americanos, inclusive na educação, como Dennis (2001, p. 51 - tradução própria) afirmou, “o controle da educação superior do negro estava firmemente nas mãos dos progressistas que, no entanto, se encontravam profundamente comprometidos e protetores da ordem social de subordinação racial”¹. Os caucasianos americanos acreditavam que a chave para o progresso na educação era a acomodação racial, e os do estado do Mississippi – EUA, no início dos anos 1960, ainda acreditavam na separação ou segregação das raças, ou, pelo menos, entre os brancos e os negros. Por essa razão, houve muito incentivo ao preconceito; um exemplo foi dado por Dennis (2001, p. 51 - tradução própria),

“A educação advinda da escravidão impôs as virtudes da ordem, fidelidade, temperança e obediência” [...]; “o progresso racial significava preservar a integridade caucasiana [...]” e “o ‘Sul Branco’, tendo decidido que a igualdade social era impensável, estava determinado a decretar a separação social”².

¹ Tradução do original: “The control of the higher education of the Negro was firmly in the hands of progressives who nevertheless were deeply committed to and protective of social order of racial subordination.”

² Tradução do original: “The education gained from slavery taught the virtues of order, fidelity, temperance, and obedience”; “racial progress meant preserving the Caucasian integrity [...] and

Como é previsível por meio de tantos fatos históricos, esse conceito descabido prosseguia vivo nos anos 60 e a maioria dos afro-americanos comuns se acomodava diante da situação e do sentimento de impotência. James Howard Meredith, no entanto, não estava satisfeito, pelo contrário, ele se encontrava em “guerra” contra a supremacia branca da época e sentia que a educação seria o melhor caminho para alcançar o seu verdadeiro reconhecimento pessoal e coletivo (COHODAS, 1997).

Embora Meredith estivesse lutando pelo estabelecimento de uma sociedade igualitária, o acesso ao ensino superior ainda era elitizado e preconceituoso. Como muitas instituições do século anterior fecharam os olhos para o abolicionismo da escravidão e se empenharam em preservar formas de manter a segregação intacta, a sociedade aristocrata branca da Universidade do Mississippi ainda carregava vestígios daquela época (COHODAS, 1997).

Por muitos anos, os Estados Unidos enfrentaram crises na tentativa de praticar a democracia que afirmavam em sua Constituição e Keppel (1995, p. 204 - tradução própria) reconheceu que “o movimento dos Direitos Civis é a personificação desse esforço”³. Apesar de Harvard College, a primeira instituição de ensino superior, ter sido implementada no país em 1636, o registro do primeiro americano afrodescendente, Alexander Lucius Twilight, a obter um diploma de curso superior ocorreu apenas em 1823, na Middlebury College - Vermont (HARPER; PATTON; WOODEN, 2009). A Suprema Corte americana enfrentou, ao longo da sua história, várias ações para estabelecer os direitos de igualdade na educação; inclusive, na década de 1950, quando muitas instituições de ensino superior receberam ameaças de ter seus financiamentos federais cortados, caso não implementassem planos de dessegregação (KEPPEL, 1995).

De acordo com Bell (2004), pode-se afirmar que o processo judicial de maior destaque na luta pela dessegregação escolar nos Estados Unidos foi o *Brown v. Board of Education* (Brown versus Conselho de Educação – tradução própria). Oliver Brown foi obrigado a matricular a sua filha em uma escola muito distante de sua residência, pois, na mais próxima, somente crianças caucasianas poderiam frequentar. Oliver Brown, inconformado, reuniu outros pais e juntos deram início a um processo judicial, levando o caso até a Suprema Corte Americana. Em 17 de maio de 1954, o resultado favorável pela dessegregação foi obtido e, assim, a confirmação da ilicitude da separação de crianças

as “the White South, having decided that social equality was unthinkable, it was determined to enforce social separation.”

³ Tradução do original: “The Civil Rights movement is the embodiment of this effort.”

em escolas públicas distintas, devido às suas origens raciais (BELL, 2004).

O caso de James Meredith, que ocorreu na década de 1960, foi mais uma causa ganha para assegurar o acesso de afro-americanos à educação e ao ensino superior de maneira incondicional. As motivações de luta de Meredith foram os ensinamentos de seu pai, suas crenças, compromissos políticos e os seus valores em relação à raça humana; porém, o discurso de posse do Presidente John Kennedy, em janeiro de 1961, por expressar o compromisso com os direitos civis, reforçou as suas convicções e serviu de inspiração para muitas de suas conquistas, como relatado por Cohodas (1997). James Meredith era um homem de grande determinação e aproveitou todas as oportunidades que se colocaram à sua frente para obter educação e conhecimento. Desejava que os negros entendessem que a liberdade social seria conquistada por meio de sacrifícios, e ele trabalhou arduamente na conquista do seu direito de cidadão americano de ser admitido na Universidade do Mississippi, durante uma época em que a sua vontade caminhava na contra mão das probabilidades (CRUSTO, 1989; COHODAS, 1997; McGEE, 2013).

Em 1961, Meredith encaminhou o seu pedido de matrícula para Universidade do Mississippi, onde havia apenas alunos brancos. Posteriormente, a sua solicitação foi negada por duas vezes ao longo de um ano. Meredith queria extrapolar os limites impostos aos afro-americanos pela Universidade do Mississippi e superar o absolutismo daquela instituição de ensino superior. Como consequência, ele resolveu recorrer ao Governo Federal explicando que as negativas recebidas tinham como base a discriminação racial e não problemas no seu currículo progressivo. Imediatamente após a análise do pedido, a Presidência obrigou a universidade a cumprir os termos da dessegregação, ocorrendo inicialmente resistência por parte do Governador do estado do Mississippi, que tentou se opor às ordens superiores. Apesar da Universidade ter alegado outros motivos, menos o racial, para a recusa da matrícula, ficou evidente para o Governo Federal que as justificativas não se sustentavam e Meredith, por força do poder, ingressou como aluno na Instituição (COHODAS, 1997).

No primeiro dia de aula de James Meredith na Universidade do Mississippi, ocorreu grande manifestação por parte dos alunos brancos, que estavam contrários à sua presença na Instituição, causando imenso tumulto, com

vandalismo em todo o campus, provocando a morte de duas pessoas em meio à confusão. A partir desse fato, para sua proteção e, assim como, da Instituição, Meredith passou a ser acompanhado por agentes federais por onde ele estivesse no campus da Universidade, porquanto sofria diariamente com assédio e discriminação provenientes de estudantes brancos. Além disso, ainda por medida de segurança, um dos prédios na área dos dormitórios foi reservado para Meredith residir de forma isolada no campus (COHODAS, 1997).

Em entrevista ao New York Post (EAGLES, 2009), James Meredith consentiu com os limites de sua articulação idealista de igualdade naquela ocasião. Meredith ressaltou o fato de que ocorreram críticas à sua teimosia como sendo o gatilho motivador da violência e mortes em seu primeiro dia no campus da Universidade do Mississippi (EAGLES, 2009). Na oportunidade, reflexões sobre os rumos da educação e a convivência entre alunos de raças diferentes, induziram o questionamento sobre se, de fato, todo o esforço de Meredith foi consolidado como ganho a longo prazo. No entanto, outros fatos da história provam que, assertivamente, as ações de Meredith foram construtivas na luta e no destino do ensino superior para os afro-americanos e o acesso destes às universidades. Todavia, se Meredith não tivesse agido em prol desses ideais, a Universidade do Mississippi ainda seria uma instituição com população estudantil totalmente branca hoje? *Não! Essa deve ser a única resposta aceitável.* No entanto, parece inconcebível que em 1960 os afro-americanos ainda fossem tratados como cidadãos de 'segunda classe' e que os estudantes que buscavam crescimento acadêmico não tivessem o direito de escolha. Infelizmente, muitos afro-americanos relatam o sentimento de continuar sendo tratados como cidadãos de segunda classe, igualmente ainda no século XXI (THE PRINCETON REVIEW, 2014).

Ao ser entrevistado por repórteres, no dia em que chegou ao campus da Universidade do Mississippi para iniciar o semestre, Meredith foi questionado sobre qual era o seu nível de satisfação por sua recente conquista. Observando toda a agitação e tumulto ao seu redor, Meredith respondeu: "Este não é um dia feliz."⁴ (COHODAS, 1997, p. 120 - tradução própria). Cohodas (1997), como pesquisador do caso de Meredith, sabiamente analisou que, de fato, aquele não era um dia

⁴ Tradução do original: "This is not a good day."

feliz, mas que um novo momento estava sendo escrito na história.

Educação em retrocesso? Breve panorama atual

Estudantes Afro-Americanos Negros

De acordo com a discussão em andamento sobre o gradual aumento do acesso dos afro-americanos ao ensino superior, a única forma de lutar contra o racismo é definir condutas políticas, com ações afirmativas as quais derivam do entendimento de que os fenômenos sociais não são criados pela/por natureza, mas são resultado da vida em sociedade.

Estudantes afro-americanos continuam confirmando hoje em dia que o ambiente de um campus 'branco' é hostil e racista (NATIONAL ASSOCIATION FOR EQUAL OPPORTUNITY IN HIGHER EDUCATION, 2021). Com toda a probabilidade, para fugir desse ambiente, a Associação Nacional para a Igualdade de Oportunidades no Ensino Superior (NAFEO) relata que sempre há percentagens proporcionalmente mais elevadas de discentes negros se formando em faculdades criadas para afro-americanos do que em faculdades com predominância de alunos brancos.

De acordo com a Associação Nacional para a Igualdade de Oportunidades no Ensino Superior (2021, n.p.), as *Historic Black Colleges and Universities (HBCUs)*, com o total de 107 (cento e sete) instituições espalhadas pelo país, fazem parte de apenas

4% (quatro por cento) das faculdades e universidades americanas, mas formam 50% (cinquenta por cento) dos profissionais afro-americanos da área de educação que atuam em escolas públicas; mais de 40% (quarenta por cento) dos afro-americanos que obtêm diplomas em ciências, tecnologia, engenharia e matemática; 60% (sessenta por cento) dos profissionais afro-americanos da área de saúde; 52% dos afro-americanos nas áreas de agricultura e sustentabilidade e 44% dos afro-americanos com diplomas de tecnologia da comunicação (tradução própria).⁵

⁵ Tradução do original: "4% of American colleges and universities, yet they graduate 50% of African American public school education professionals; in excess of 40% of African Americans who earn advanced degrees in the sciences, technology, engineering, and mathematics (STEM); 60% of African American health professionals; 52% of African Americans in agriculture and sustainability disciplines, and 44% of African Americans with Communications Technology degrees.

Contrariando as crenças sociais de dessegregação de James Meredith para alcançar a igualdade e ao contrário do que sempre foi pregado e reivindicado, de acordo com o National Association For Equal Opportunity in Higher Education – NAFEO (2021), estudos revelaram que a manutenção de instituições de ensino superior segregadas, onde a cultura negra é enfatizada, melhora o desempenho acadêmico dos alunos. A *The Princeton Review* (2014, p. 30 – Tradução própria) comentou sobre a questão dos estudantes negros ingressando em cursos superiores e ponderou que

A atmosfera de uma escola é muito importante. Ela determina se você se sentirá confortável lá, se encontrará seu nicho. Certa vez, ouvimos dizer assim: 'Ir para a faculdade não é para entrar, é para se encaixar.' Essa questão levantou, para muitos estudantes afro-americanos, a dúvida se seria melhor frequentar uma universidade historicamente implantada para negros (HBCUs) ou uma instituição com predominante número de estudantes brancos⁶.

Esses sentimentos dos afro-americanos expõem aparente retrocesso no tempo, todavia, pondero que podem ser vistos, talvez, como uma resistência à falta de mudanças efetivas ao longo dos anos e não um movimento de racismo reverso, levando à segregação, como muitos são induzidos a imaginar.

Seguindo meu interesse pela história da educação dos negros americanos, passei a concentrar minhas leituras na história e filosofia do ensino superior nos EUA. Assim, através de alguns estudos acadêmicos, também tomei conhecimento das últimas intervenções que a educação americana vem experimentando. Foi surpreendente descobrir que as pesquisas sobre o sistema educacional americano não apenas revelam que os afro-americanos, em geral, preferem frequentar as *Historic Black Colleges and Universities (HBCUs)*, mas, também, que os nativos americanos ou indígenas americanos ou nativos do Alaska preferem frequentar instituições de ensino dentro das reservas indígenas ou nas Faculdades e Universidades Tribais (*Tribal Colleges and Universities - TCUs*) (MERISOTIS; MCCARTHY, 2005; BRYAN, 2019; HARPER, 2019).

⁶ Tradução do original: "**A school's atmosphere is very important.** It determines whether you'll feel comfortable there, whether you'll find your niche. We once heard it put like this: 'Going to college ain't about getting in, it's about fitting in.' This issue has raised for many African American students the question of whether to attend a Historically Black College or University (HBCU) or a predominantly white institution."

Estudantes Indígenas Nativos Americanos

O número de indígenas americanos conquistando um diploma de graduação sempre foi consideravelmente mais inferior do que o número da população em geral: 17% (dezessete por cento) dos nativos americanos que iniciam um curso superior, em comparação com 60% (sessenta por cento) da população em geral (INSTITUTE OF EDUCATION SCIENCES, 2019).

Não tenho a pretensão de apresentar detalhes da história da educação europeia, introduzida na educação da população americana desde a colonização, ou a sua intenção de aculturar o nativo americano por meio de programas educacionais padronizados e que favoreciam a manutenção da cultura branca; quero apenas refletir e trazer inquietações. Entretanto, observa-se que a perpetuação desse padrão continuou por tempo demasiado, com consequente raríssimo investimento nas políticas educacionais direcionadas para o povo nativo americano, falta de incentivo para o acesso às instituições de ensino superior, deficiência nas condições de estudo, ausência de planejamento de currículos atrativos para os indígenas e resultante ineficiência quanto ao estímulo à manutenção desses alunos nos cursos até a formatura (CARNEY, 1999; GUILLORY; WARD, 2007). Dessa maneira, com o objetivo de minimizar essas questões, entre 1968 e 1970, foram criadas as Faculdades e Universidades Tribais (TCUs), com relativo apoio do Governo Federal. Essas instituições passaram a oferecer condições diferenciadas para essa parcela da população, em especial, porque os alunos indígenas vinham de escolas de ensino médio que não tinham currículos que os preparassem para o ingresso em universidades. As propostas de programas de ensino compatíveis com os interesses dos nativos americanos, a atmosfera mais igualitária apresentada nos *campi* universitários e planos de financiamento educacionais despertaram o interesse dos indígenas em conquistar um diploma de curso superior (CARNEY, 1999; GUILLORY; RAYMOND III, 2004; WARD, 2007).

Atualmente, existem 37 (trinta e sete) TCUs credenciadas em pleno funcionamento. Os sites oficiais dessas instituições de ensino superior foram visitados e examinei que são oferecidos cursos de várias áreas, mas, em especial, cursos nas áreas que estimulam a perpetuação das culturas, línguas e tradições dos distintos grupos de indígenas americanos. Algumas dessas áreas são: Educação, Ciências

Naturais, Serviço Social, Estudos Indígenas, Arte, Ciências do Meio Ambiente, Gerenciamento de Recursos Naturais, Carpintaria, Gastronomia, Farmácia Natural, Veterinária, estudo das diferentes Línguas Nativas, entre outras áreas (TRIBAL COLLEGE JOURNAL, 2019-2020).

No panorama atual, semelhantemente à população afro-americana, entendendo que o campus universitário de muitas instituições, com maioria de alunos caucasianos, não favorece a interação e o convívio educacional, os indígenas demonstram, igualmente, apazimento em frequentar instituições de ensino superior onde eles se sintam acolhidos por seus pares e onde experienciam o reconhecimento da cultura indígena americana. Mais uma vez, estudos apontam e comprovam que o desempenho acadêmico desses estudantes aprimora quando matriculados nas TCUs, mais do que em universidades com população discente majoritariamente branca (BRYAN, 2019).

Saliento que tanto os HBCUs como os TCUs são instituições de ensino superior que possibilitam a oportunidade educacional para toda a população e não apenas para negros e indígenas respectivamente.

Educação Single Sex

Além das pesquisas ratificarem, há um senso comum ou é de conhecimento geral que, na história da educação, a aprendizagem ocorria tendo meninos e meninas ou mulheres e homens em escolas ou em salas de aula separadas por sexo e que isso ocorria, e ainda acontece, por questões religiosas e/ou para seguir tradições (CABLE; SPRADLIN, 2008). Esse modelo de ensino pereniza-se em várias partes do mundo e, em especial, em muitos países do oriente como prática integralizada em suas culturas. No ocidente, primordialmente em países da Europa e nos Estados Unidos, com regularidade, verifica-se essa metodologia de ensino de forma mais recorrente em escolas particulares vinculadas a instituições religiosas, que acreditam que meninos e meninas têm interesses e perfis de aprendizagem distintos, além da intensão de preservar tradições, conceitos e práticas religiosas (CABLE; SPRADLIN, 2008).

A luta pela oportunidade de educação para mulheres se fortaleceu no início do século XIX. Porém, a implantação de faculdades e universidades para mulheres

foi impulsionada consideravelmente pelas demandas advindas dos distintos períodos enfrentados pela sociedade americana, como o avanço na economia, a Grande Depressão, guerras e pós guerras mundiais e da Guerra Civil americana, além da necessidade de maior número de professores, profissão que, majoritariamente, era atribuída às mulheres. Esses eventos provocaram a expansão do número de vagas no mercado de trabalho e a consequente demanda de profissionalização formal (HARWARTH, 1997).

Na atualidade, apesar do número total de universidades e faculdades americanas que matriculam apenas mulheres e outras instituições, em número deveras menor, que matriculam somente discentes homens estar em declínio, as que permanecem são valorizadas e defendidas por uma parcela da sociedade. A existência e manutenção de universidades apenas para homens não surpreendem se verificada a história que demonstra a tentativa de preservação de uma sociedade sempre machista e que excluía ou dificultava a inserção da mulher no ambiente escolar. De acordo com o *The Collegewise Guide to Women's College* (manual guia para as faculdades só para mulheres) (NEAR, 2021), existem em atividade 37 (trinta e sete) instituições de ensino superior nos Estados Unidos que matriculam apenas mulheres. Essas faculdades apresentam corpo discente feminino bastante diversificado, com diferentes etnias, idades, interesses educacionais, além de reforçar o empoderamento da mulher na sociedade americana por meio de seus currículos, o que contribui para a permanência da aluna até a conclusão do curso (SAX; RIGGERS; EAGAN, 2013).

Por outro lado, no início da história do ensino superior, o acesso aos cursos estava destinado apenas para os homens, mas com as conquistas das mulheres e a possibilidade de ingresso na educação terciária, o número de instituições exclusivamente para o sexo masculino diminuiu drasticamente. Infelizmente, não localizei nenhum trabalho publicado que aborde as faculdades somente para homens. A informação que encontrei registra que ainda prosseguem em atividade 4 (quatro) instituições nesse padrão. Essa explanação foi encontrada em um site com um *post* de Hannah Muniz (MUNIZ, 2020), mestre pela Universidade de Michigan (EUA), que aborda com detalhes cada uma dessas instituições e suas características. Os sites dessas instituições foram acessados e, apesar de apresentarem modelo pedagógico singularizado, o número total de discentes é de

aproximadamente seis mil alunos homens matriculados nas quatro instituições.

Não é objetivo meu arrazoar sobre as questões de gênero no campo da educação, contudo, nos últimos anos tem crescido sobremaneira a discussão a respeito da implementação de escolas ou de salas de aulas da educação básica onde meninos e meninas estudem separadamente (CARRA, 2019). Os resultados das pesquisas apresentam opiniões diversas, não chegando a um consenso pleno. Contudo, o número de escolas adotando essa prática tem crescido no meio educacional americano, com alegações de que o comportamento disruptivo dos meninos e a interação negativa com professores atrapalham o andamento das aulas e influenciam o comportamento das meninas. Estudos constataam que tal comportamento dos meninos deve-se à presença das meninas (CABLE; SPRADLIN, 2008; BIGLER; HAYES; LIBEN, 2014). Os meninos não desejam ser taxados de 'nerds' comportados e obedientes, pois esse perfil, principalmente entre os adolescentes, tem uma conotação desfavorável. Por outro lado, pesquisas também indicam que o desenvolvimento acadêmico das meninas está sempre à frente da aprendizagem dos meninos (MEAD, 2006); ainda, confirmam diferenças na maneira e na velocidade em que as meninas aprendem (NASSER, 2016); além de maior engajamento para com a aprendizagem e com a educação continuada (MARTÍNEZ; GIL, 2020). Ou seja, ensino e aprendizagem com salas de aulas com alunos de apenas um sexo melhora o rendimento acadêmico de meninos e meninas, se atribuídas metodologias compatíveis e diferenciadas de acordo com cada característica de ambos os grupos.

No Brasil, existem algumas poucas escolas tradicionais que adotam a metodologia de *single sex education*, do inglês que quer dizer 'sexo único' ou educação separada por sexo. Contudo, a discussão está começando a efervescer nos fóruns de discussão na internet, com a visibilidade de instituições que já atuam nesse padrão e, conseqüentemente, a indicação e a implantação de escolas, que adotem este modelo, estão sendo propagadas.

Ponderações Finais

Os tópicos expostos merecem que sejam aprofundados por meio de estudos, análises e experimentos consistentes, pois, como mencionei, o levantamento das

informações apresentadas teve a intenção de instigar a curiosidade de assuntos tão delicados. Ademais, durante as minhas leituras e reflexões pessoais, ponderei que a Educação a Distância, embora eficaz, necessária e que se expande gradativamente, pode ser considerada uma forma de segregar alunos e professores, uma vez que, o isolamento e distanciamento entre os discentes, docentes e entre os próprios colegas é inevitável.

Embora os tópicos descritos possam ser motivo de inúmeras investigações adicionais, eles me fizeram ainda refletir que a dessegregação na educação tem sido apenas o esforço politicamente correto, mas nunca foi real, genuíno, verdadeiro, visto que podem ser identificadas muitas outras situações de segregação como, por exemplo, alunos pobres e ricos ou alunos com necessidades especiais em programas de inclusão desprovidos de ações compatíveis com o contexto.

As evidências podem instaurar um sentimento de que a educação retrocede no tempo; a diferença é que a segregação aqui ressaltada nos HBCUs, TCUs e nas Universidade e Faculdades para Mulheres ou para Homens não é imposta diretamente e explicitamente por alguma lei ou por grupos dentro da sociedade; no entanto, é uma preferência individual decidida por motivos inerentes a cada experiência de vida. Já na educação básica, as pesquisas evidenciam a adoção da segregação por sexo entre os alunos, porém, os pais, conforme suas ideologias, podem optar por concordar ou não com a metodologia adotada pelas escolas com essa característica e matricular ou recusar que seu filho frequente essa ou aquela instituição de ensino. Em contra partida, há um número razoável de estudos avaliando os principais motivos para se adotar salas de aulas separadas por sexo ou, até mesmo, escolas separadas por sexo, ou denominadas escolas 'single sex', na educação básica. E, como resultado, investigações observam que o número dessas escolas tem crescido e se fortalecido na sociedade americana (FRANCIS, 2000; MEAD, 2006; CABLE; SPRADLIN, 2008; FINCO, 2008; CARRA, 2019). Ratifico que, como mencionado anteriormente, a discussão sobre esse conteúdo tem se expandido entre os brasileiros.

No Brasil, apesar da existência de uma instituição de ensino superior com foco na proteção dos interesses educacionais dos negros brasileiros promovendo a preservação e a conscientização da cultura negra, além do estabelecimento de

cotas para pardos, negros e indígenas (como também, de cotas para pessoas com deficiência) designadas para as instituições públicas, ainda não há a propagação de instituições de ensino superior criadas especificamente para esses grupos raciais. Apesar de toda a inquietação de órgãos governamentais para prover compensação educacional para esses grupos supra citados, devo registrar que ouvi, por força de uma circunstância, o depoimento de dois estudantes, matriculados em cursos distintos de universidades públicas no Brasil (um deles discente de curso estigmatizado por muitos como sendo um curso 'elitizado' e o outro fora desse conceito), que eles observam nítida auto segregação entre os alunos cotistas. Pesquisadores da área de educação devem se interessar por investigar o impacto e as consequências futuras que a 'segregação escolhida' pode acarretar para o ensino, a aprendizagem e a formação do indivíduo.

Retomando a história de James Meredith, visto que foi esse relato que desencadeou as minhas leituras sobre os tópicos expostos, ressalto a sua opinião como sobrevivente da inserção dessegregativa na Universidade do Mississippi; o próprio James Meredith declarou: "a integração foi uma farsa e a maior trapaça já aplicada em alguém" ⁷ (COHODAS, 1997, p. 119 - tradução própria). Mesmo que muitos ainda o considerem um agitador, ele declarou: "Há muito tempo fiz as pazes com a Universidade do Mississippi" ⁸ (COHODAS, 1997, p. 122 - tradução própria).

Finalmente, pondero que os cenários de segregação evidenciados ultrapassam os âmbitos acadêmicos e institucionais. As leituras realizadas reforçam a ciência que os desejos furtivos por uma educação segregada estão enraizados e são decorrentes de questões socioeconômicas e culturais. A solução dessas adversidades segue como um desafio complexo presente em várias camadas da sociedade e que precede a discussão no meio acadêmico.

Referências

- BELL, D. **Silent Covenants**: Brown vs. Board of Education and the elusive quest for racial justice. New York: Oxford University Press, May, 2004.
- BIGLER, R. S.; HAYES, A. R.; LIBEN, L. S. Analysis and evaluation of the rationales for single-sex schooling. **Advances in Child Development Behavior**, v. 47, p. 225-260,

⁷ Tradução do original: "Integration a 'sham' and 'the biggest con job ever pulled on anybody.'"

⁸ Tradução do original: "I long ago made my peace with the University of Mississippi."

2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/bs.acdb.2014.05.002>

BRYAN, R. The influence of Tribal Colleges and Universities on Native American student persistence. **New Directions for Student Services**, v. 167, p. 49-62, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1002/ss.20320>

CABLE, K. E.; SPRADLIN, T. E. Single-sex education in the 21st century. **Education Policy Brief**, v. 6, n. 9, 2008.

CARNEY, C. M. **Native American higher education in the United States**. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 1999.

CARRA, P. R. A. Escola mista? Coeducação? Um desafio histórico para a educação de meninos e meninas. **Cadernos de História da Educação**, v. 18, n. 2, p. 548-570, maio/ago., 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/che-v18n2-2019-15>

COHODAS, N. James Meredith and the integration of the Ole Mississippi. **The Journal of Blacks in Higher Education**, p. 112-122, 1997. DOI: <https://doi.org/10.2307/2962922>

CRESWELL, J. W. **Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2003.

CRUSTO, M. F. Federalism and civil rights: The Meredith case. **National Black Law Journal**, n. 11, p. 233, 1989.

DENNIS, M. The skillful use of higher education to protect white supremacy. **The Journal of Blacks in Higher Education**, p. 115-123, 2001. DOI: <https://doi.org/10.2307/2678797>

EAGLES, C. **The price of defiance**. James Meredith and the integration of Ole Miss. The University of North Carolina Press, 2009. DOI: https://doi.org/10.5149/9780807895597_eagles

FINCO, D. Escolarização de meninos e meninas Brasileiros: o desafio da co-educação. **Leituras e Resenhas**, Pro-Posições 19, n. 1, abr. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000100021>.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRANCIS, B. **Boys, girls and achievement**. London: Routledge Falmer, 2000. <https://doi.org/10.4324/9780203136454>

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUILLORY, J.; WARD, K. American tribal colleges and universities. In: GASMAN, M.; BAEZ, B.; SOTELLO TURNER, C. (ed.), **Understanding minority serving institutions**. New York, NY: SUNY Press, 2007. p. 91-110.

HARPER, S. R.; PATTON, L. D.; WOODEN, O. S. Access and Equity for African American Students in Higher Education: A Critical Race Historical Analysis of Policy Efforts. **The Journal of Higher Education**, v. 80, No. 4, p. 389-441. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1353/jhe.0.0052>

HARPER, B. African American access to higher education: The evolving role of

Historically Black Colleges and Universities. **American Academic**, v. 3, p. 109-227, 2019.

HARWARTH, I. **Women's Colleges in the United States: History, issues, & challenges**. Darby, PA: Diane Publishing Company, 1997.

INSTITUTE OF EDUCATION SCIENCES (IES). **The Condition of Education 2019**. Washington: National Center for Education Statistics, 2019. Disponível em: <https://nces.ed.gov/pubs2019/2019144.pdf>

KEPPEL, F. The emerging partnership of education and civil rights. **The Journal of Negro Education**, v. 34, n. 3, Education and Civil Rights in 1965, 1995. DOI: <https://doi.org/10.2307/2294191>

MARTÍNEZ, C. R.; GIL, M. G. Gender differences in school performance and attitudes toward school. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 108, p. 741-761, jul./set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0104-40362019002702235>

McGEE, M. C. **James Meredith: Warrior and the America that created him**. Santa Barbara, California: Praeger, 2013.

MEAD, S. **The truth about boys and girls**. Washington, DC: Education Sector, June 2006. Disponível em: http://www.educationsector.org/usr_doc/ESO_BoysAndGirls.pdf. Acesso em: 18 fev. 2023.

MERISOTIS, J. P.; MCCARTHY, K. Retention and student success at minority-serving institutions. In: GAITHER, G. H. (ed.). **Minority retention: What works?** (New Directions for Institutional Research, n. 125, p. 45-58). San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1002/ir.138>

MUNIZ, H. **Are There any All-Male Colleges Left?** SAT/ACT Prep Online Guides and Tips, 2020. Disponível em: <https://blog.prepscholar.com/all-male-colleges>.

NASSER, A. The Difference Between Girls and Boys in Learning. **ResearchGate**, December 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311855897_The_Difference_Between_Girls_and_Boys_in_Learning.

NATIONAL ASSOCIATION FOR EQUAL OPPORTUNITY IN HIGHER EDUCATION (NAFEO). **NAFEO Policy and Advocacy**. 2021. Disponível em: <https://www.nafeonation.org/advocacy/>.

NEAR, C. **Guide to women's colleges**. Collegewise 2021 Edition, 2021. Disponível em: <https://go.collegewise.com/guide-to-womens-colleges>. Acesso em: 11 fev. 2023.

RAYMOND III, J. H. **A History of American Indian Tribal Colleges**. Diss. Wilmington College, 2004.

RUDOLPH, F. **The American Colleges and University: A History**. New York, Alfred A. Knopf, Inc, 1962.

SAX, L. J.; RIGGERS, T. A.; EAGAN, M. K. The Role of Single-Sex Education in the Academic Engagement of College-Bound Women: A Multilevel Analysis. **Teachers**

College Record, v. 115, n. 010302, jan. 2013. DOI:
<https://doi.org/10.1177/016146811311500106>

THE PRINCETON REVIEW. **8 Steps to help black families pay for college**. 2014.
Disponível em: <http://www.princetonreview.com/college/research/articles>

TRIBAL COLLEGE JOURNAL. **Degree Programs at Tribal Colleges and Universities**,
2019-2020. Disponível em: <https://tribalcollegejournal.org/pdfs/Degree-Programs-at-Tribal-Colleges-and-Universities.pdf> DOI:
<https://doi.org/10.4135/9781529714395.n595>